

## PROJETO: MEMÓRIA, HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADE: A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NO MST.

Ramofly Bicalho dos SANTOS  
UNICAMP

**Resumo:** *Define a importância da Metodologia da História Oral na construção de um projeto abordando o tema acima,*

*no que me diz respeito, não revelaria quase nada de importante sobre minha vida a alguém que, ao conversar comigo, assumisse uma atitude neutra, impessoal e distante. Por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha? (Alessandro Portelli)*

Constata-se que a pesquisa em História Oral exige, tanto do pesquisador, como do entrevistado, um dedicado e valioso tempo. Dessa forma, se faz necessário neste processo, um algo a mais, um envolvimento prazeroso com o tema e com a metodologia adotada, refletindo significativamente na atuação dos envolvidos no trabalho.

Percebe-se que os estudiosos da História Oral necessitam dialogar com os mapas, as fotografias, documentos e outros dados, se assim for necessário, permitindo reunir variedades de segmentos da realidade, reconstruindo fragmentos do passado, para melhor entender os problemas do presente, na tentativa de propor encaminhamentos para as questões que dizem respeito a um futuro próximo. A fotografia, por outro lado, empobrece aquilo que não foi registrado, ignora todo o restante da realidade, fortalecendo apenas as cenas que foram fotografadas. Entende-se que:

*fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos (PORTELLI, fev. 197, p. 31).*

Com a metodologia da História Oral, o pesquisador cria as fontes, bem diferente de buscá-las. Por isso, olhar o passado não é um exercício de nostalgia e lembrança simples ou saudosa, pois cada sociedade pensa o passado de forma diversa e o narra de forma distinta. Dessa forma, é impossível reviver o passado sem resgatá-lo e colocá-lo no coração.

O campo da História Oral não é um espaço único de interpretação técnico-metodológica. As várias disciplinas contribuem para o aprofundamento dessa discussão e perceber os pontos de coincidências e de conflitos ajuda na construção da realidade que se propõem estudar. Essa metodologia permite que o pesquisador aprofunde as entrevistas com o narrador, neste caso, militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pois cresce a possibilidade da necessária união entre a teoria e o exercício da prática.

Na construção do depoimento oral é de fundamental importância definir questões relevantes para o tema de pesquisa, além de selecionar informantes ricos de conhecimentos sobre o assunto. Neste processo, o diálogo consciente entre os sujeitos – o entrevistador e o entrevistado – devem acontecer com muita responsabilidade, estando o entrevistador atento para a influência que o entrevistado exerce sobre o tema, já que nesta metodologia é complicado estabelecer um roteiro único, pois os relatos não são feitos no vácuo. No conteúdo do depoimento oral, o pesquisador exerce grande influência, no sentido de estar propondo questões para um bom relacionamento pessoal que permite uma rica reconstrução do passado.

No testemunho oral, novas histórias são geradas e, nesse processo, o entrevistado percebe a sua importância, a valorização de todo um conhecimento construído na prática e através das experiências vividas. Sujeitos antes excluídos e marginalizados do saber oficial, são agora incentivados a estarem construindo a sua própria história com autoestima e autonomia. VON SIMSON afirma que:

*não trabalhamos com testemunhos únicos, mas sempre com múltiplos testemunhos orais, obtidos de uma rede de informantes que se estabelece durante a pesquisa (VON SIMSON In: NERI, p. 142).*

Os pesquisadores precisam estar atentos para a grande responsabilidade que têm diante da voz viva, pois, quando se trabalha apenas com o documento, este não coloca contra a parede, entretanto, a voz viva responde e nos coloca em cheque. Dessa forma, a importância da História Oral se dá no momento em que se contribui para "dar voz" ao ator social que viveu a experiência, valorizando o passado oralmente narrado por alguém que experimentou uma importante vivência. Com isso, está nítido que não se deve ter pressa de ir ao campo sem que os entrevistados estejam seguros, construindo uma relação que permita maior empatia entre entrevistador e entrevistado.

Atuando no sentido de perceber a participação do narrador, constata-se que as suas escolhas são organizadas no momento da narração e do diálogo com o entrevistador e sempre no sentido de reunir fragmentos do passado que o façam fazer parte ativamente do grupo, recriando tradições a partir dos suportes que podem ser encontrados. Percebe-se na relação construída, haver uma troca significativa de informações em que, freqüentemente, os entrevistados estudam os entrevistadores, assim como estes os estudam.

Avalia-se, nesse contexto, que ninguém responde do mesmo jeito às questões vindas de interlocutores diferentes. O informante traz sempre aspectos novos, bem pensados. Surgem surpresas agradáveis baseadas em imagens, no cotidiano e vivência. Ele, o depoente, exerce uma importância central na organização do trabalho. Por isso:

*acredito que devemos nos esquecer do mito de obter as informações totalmente completas, ou de esgotarmos nosso assunto com os entrevistados. Sabemos que ninguém consegue obter todas as informações a nosso respeito, portanto, por que o faríamos com eles? Invariavelmente conseguiremos um fragmento daquilo que sabem, um fragmento daquilo que são* (PORTELLI, abr./97, p. 45).

Todos nós somos seres que, em nossa mente, expressamos sentimentos, crenças e emoções e, dessa forma, no momento da entrevista, o entrevistado faz suas colocações e interpretações, mesmo que aparentemente equivocadas, acreditando na veracidade dos fatos. O sentimento e a emoção precisam ser colhidos e são fundamentais

na construção do conhecimento através da parceria construída por ambos. O depoimento nunca é uma mentira; é uma representação do passado e as informações não ficam apenas na narração pura e simples, mas tem todo o envolvimento no coletivo, no social. Ao narrar não pensamos somente no passado, mas este se entrelaça com uma perspectiva de presente, no intuito de solucionarmos problemas da atualidade.

O pesquisador é o cimento, aquele que está amarrando todo o processo e será sempre em cooperação com os outros que ele deve analisar as entrevistas, não podendo colocar na boca do depoente as próprias interpretações e análises. Por isso, ser um interlocutor válido é estar atento ao diálogo, de igual para igual, com o interlocutor, trazendo questões nos momentos apropriados. O olhar, o contato visual com o interlocutor é de enorme importância. Dessa forma, Portelli defende que: "*jamaís me sentei do outro lado de uma mesa para entrevistar alguém, exceto quando, na condição de professor, dou exame aos alunos, situação em que me sinto muito mal*"<sup>7</sup> (PORTELLI, abr./97, p. 43).

É importante neste relacionamento, que o pesquisador tenha a humildade necessária de não acreditar na sua suposta superioridade em relação ao entrevistado, fingindo algo que na verdade não é. Ser espontâneo e natural no momento da entrevista contribui para o desenvolvimento do trabalho e aproximação de entrevistadores e entrevistados e na construção de uma relação de parceria e confiança. O envolvimento é fundamental na construção dos significados e na reconstrução do passado histórico de ambos os sujeitos desse processo, pois como defende DEMARTINI:

*O pesquisador que realiza as primeiras entrevistas é diferente daquele que já as analisou, que encontrou nelas novas indagações. Há um enriquecimento constante neste familiar* (DEMARTINI, 1988, p. 61).

Através do contato íntimo com o entrevistado, o pesquisador vai construindo e aperfeiçoando, com o pesquisado, as coletas de dados, falando de questões mais íntimas e pessoais. Mas mesmo assim, ninguém narra uma história da vida por aproximadamente três horas sem ter um objetivo explícito. Para isso, o papel do pesquisador é respeitar o narrador no que ele tem de mais importante, como por

exemplo, mostrar aos entrevistados o que foi escrito após as entrevistas e pedir-lhes que façam as devidas e necessárias correções, além de perceber que, quando se faz uma entrevista, na verdade se está invadindo a privacidade do outro. A parceria e a confiança mútua entre os entrevistados e o entrevistador contribui para um ambiente de entrevista mais agradável, aumentando dessa forma, a qualidade do depoimento.

Os pesquisadores precisam perceber a importância de preocupar-se com aquilo que está entrelinhas, pois *"a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que os fizeram esconder muito mais do que o que eles contaram"* (PORTELLI, Fev./97, p. 34). Estar atento para a linguagem do corpo, das representações musicais, linguagens múltiplas, linguagem do silêncio e da máscara facial é necessário. Não é somente o primeiro olhar que deve prevalecer nas entrevistas. É importante olhar além da primeira impressão. Não existe o todo, olha-se apenas uma parte e de acordo com os interesses. Dessa forma, o olhar atento no momento da comunicação é revelador e essencial, no sentido de estar oferecendo uma linguagem acessível aos grupos sociais pesquisados.

Um outro ponto muito importante na discussão da metodologia da História Oral refere-se à subjetividade. Esta deve contribuir na construção de um texto original, na organização dos dados, na interpretação da realidade, mas sem privilegiar aquelas noções que já se tinha a priori. Por isso, é recomendável que se esteja sempre se perguntando, de maneira isenta, se é isso mesmo que a realidade está apresentando.

A subjetividade da metodologia oral pode ser o seu ponto forte, colocando os olhos do hoje, do presente, para entender e reconstruir uma parte do passado. Alguns informantes reconstroem até os diálogos de fatos passados, outros falam apenas de modo geral não aprofundando os detalhes. Alguns autores insistem na afirmação de que as fontes orais estão distantes dos acontecimentos, acreditando na possibilidade de distorção da memória, entretanto PORTELLI (Fev./ 97, p. 33) defende que:

*na verdade, este problema existe para muitos documentos escritos, comumente elaborados algum tempo após o evento ao qual se referem, e sempre por não-participantes. As fontes orais podiam compensar a distância cronológica com um envolvimento pessoal mais íntimo.*

Atentar para o fato de que o pesquisador, na maneira em que se coloca, já exerce uma grande influência sobre o pesquisado. É recomendável, por isso a transparência e a linguagem utilizada para facilitar a interpretação e o entendimento do entrevistado sejam valorizadas. A maneira como aborda o entrevistado para a futura entrevista já vai influenciar a forma do depoimento e a simples maneira como o entrevistador foi recebido e aceito pelo entrevistado já aponta para algumas características, por exemplo: a distribuição espacial, em que posição, entrevistado e entrevistador sentam no movimento da entrevista ou o local escolhido pelo depoente para conceder o depoimento.

O momento de coleta do depoimento é único para pesquisador e pesquisado. Para que a entrevista ocorra de maneira satisfatória se faz necessário que o entrevistador tenha bom domínio do tema, pois cada entrevista se torna importante quando é percebida a diferença de uma para a outra. Quando se faz uma entrevista, a inteira história de vida do interlocutor se faz presente, não cabendo ao pesquisador julgar o que é correto ou errado. Cabe ao pesquisador analisar o contexto social, político, a classe social, as opções políticas do entrevistado para poder realizar uma boa interpretação dos fatos. O conhecimento que se adquire se torna o fio condutor da prática. O pesquisador não pode estar obrigando o entrevistado a dar depoimentos; entretanto, pode estar construindo estratégias de cooperação para que o entrevistado, por livre e espontânea vontade, o faça.

Trabalhar com as imagens é um outro desafio posto. Para isso é necessário que o pesquisador esteja atento para o local onde foi registrada esta imagem, a data, quem a fez, os usos sociais que as imagens podem ter sofrido, mas também a narração, porque ela é um momento congelado da própria vida do entrevistado. Nesse sentido ele estará revivendo, a partir do exame da imagem, as emoções e os sonhos que carrega. Depois de colhido um conjunto de imagens do passado, é aconselhável ao pesquisador desenvolver de forma consciente e precisa um trabalho que dê o retorno necessário aos grupos pesquisados. Como já foi enfatizado, estabelecer essa relação é prioridade, pois quando se aperfeiçoa um determinado saber, aperfeiçoam-se os gostos. O professor Milton de Almeida afirma que *"para que a imagem se torne inesquecível precisa não ser vista. O pôr do sol não é inesquecível, pois todos os dias são vistos"*.<sup>1</sup> É o autor que dá o sentido

<sup>1</sup> Anotações de curso proferido na Faculdade de Educação da Unicamp pelo professor Milton de Almeida: *Cenografias da Memória: imagem e cultura*.

a imagem, somos nós que dizemos o que a fotografia e o desenho querem passar.

Para fazer uma breve discussão sobre memória, entendida como uma capacidade humana e possibilidade de permitir que experiências possam ser retransmitidas para outros sujeitos, esse texto começa com duas belas citações:

*a memória "gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas", em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo (THOMSON, Abr./97, p. 57).*

*memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.) (VON SIMSON, p. 63).*

A memória recebe influências de ambientes e fatos diversos que compõem o meio social; mas em contrapartida, o ato de lembrar também é profundamente pessoal. Cada um de nós é um repositório único de memória. Não é possível uma pessoa sem memória e ela somente vai viver livremente quando conseguir ultrapassar as dificuldades do passado, quando o presente for importante no relacionamento com o passado. Os problemas do passado já não têm tanta relevância para os idosos, as brigas familiares foram superadas, pois o enorme tempo de vida contribuiu para que ele tenha essa percepção. Aquela vivência não é mais problema; pelo contrário a memória contribui para a superação das dificuldades. Dessa maneira Bosi afirma que:

*(...) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (BOSI, 1987, p. 9).*

Quanto mais oral uma sociedade, mais a memória tem que ser valorizada em processos de pesquisa. A tendência da memória é viabilizar aquilo que deu certo e esquecer as derrotas. Tendo como base a cultura dos indivíduos, são estabelecidos os filtros para definir aquilo que se precisa escolher para ser esquecido ou lembrado da vida pessoal. Na memória compartilhada, construída e geralmente conflituosa, se estará sempre fazendo escolhas, não se será neutro jamais. Dessa forma, a importância das memórias múltiplas está na afirmação de que a riqueza está nestas diferenças. O trabalho com a memória não é feito com neutralidade; viabiliza-se na plena consciência do papel de pesquisador neste processo. Como explica KENSKI (p.108):

*uma das principais (e mais bonitas) características da memória que está sendo recuperada é sua atemporalidade. A memória é ahistórica, na medida em que a recuperação das vivências não é feita de forma cronológica, linear, mas sim através da mistura de acontecimentos de diferentes momentos do passado.*

É a capacidade seletiva da memória que dá ao indivíduo o poder de decidir o que pode ser memorizado ou esquecido. Nesse processo, o futuro também se projeta sobre o passado dando luz, integrando-o à vivência. Ou seja, os conflitos do passado podem ser retrabalhados. São as atitudes do presente que contribuem para um futuro mais humano. Quanto mais consciente for esse exercício, mais íntegra, coerente e includente será a trajetória de vida. Por isso:

*a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro (GAGNEBIN, Nov. 98, p. 218).*

A memória não é uma acumulação de fatos. Dessa forma, não se pode memorizar, caso esta não ande junto com o esquecimento. A memória se localiza no corpo e este é o seu principal lugar. Por isso ela



está sempre no presente. O professor Milton de Almeida afirma que “a memória é do presente, memória é de gente viva, o passado deixa vestígios embrulhados, restos, ruínas, pequenas marcas. Esse passado só existe no presente pela memória viva”.<sup>2</sup>

A História Oficial, por exemplo, deixou de contar e registrar muita coisa. Os grupos marginais têm uma memória subterrânea que precisa ser retomada, buscando seus alentos não no centro, mas sim nas margens, naquilo que não é falado, valorizado, para que se entenda, com isso, os significados de uma vivência sofrida, fazendo isso com transparência e contribuindo para uma trajetória histórica mais rica porque inclusiva.

Na memória individual tem-se a oportunidade de relembrar as próprias experiências, a influência de espaços nos quais se vai aprendendo os papéis sociais – na escola, na igreja, no sindicato, nos movimentos sociais. Nesta memória conhece-se o caminho que cada ser humano traça, as diferentes escolhas feitas em sua vida e as questões internas e profundas que se vivenciam. É na memória coletiva, que os grupos dominantes atuam e exercem uma grande influência, além de que as vivências sociais dos indivíduos também são analisadas pelo coletivo. Sobre este aspecto, VON SIMSON defende que:

*o que mais motiva o pesquisador é o fato de lidar com memórias individuais que focalizam sempre fenômenos sociais e são reconstruídas com os olhos do presente (VON SIMSON, p. 56).*

Outro ponto muito importante na discussão feita pela metodologia da história oral é a importância dada à transcrição suja, pois o relato não vem frio, já que “recordar é colocar de novo no coração”. O emocional precisa aparecer nesta transcrição suja, os não-ditos da fala, os momentos de emoção quando a fala não sai e, dessa forma, ouvir várias vezes nas entrelinhas a fita, para compreender efetivamente o que o narrador quer passar. É essencial esse exercício, além de incentivar o uso freqüente do diário de campo, ferramenta fundamental antes, durante e depois da execução das entrevistas.

<sup>2</sup> Anotações de curso proferido na Faculdade de Educação da Unicamp pelo professor Milton de Almeida: Cenografias da Memória: imagem e cultura.

Como conclusão se levantam alguns direcionamentos a serem tomados no desenvolvimento da pesquisa. É essencial partir do princípio de que não se estará concluindo trabalho algum, enquanto não se entregar os resultados àqueles que tanto contribuíram, de forma responsável, no desenvolvimento e viabilização deste processo. A ética só será preservada quando o retorno do trabalho escrito ao grupo pesquisado acontecer, não usando, por exemplo, o material das entrevistas de maneira que venha a prejudicar ou mesmo desagradar os depoentes. Apoderar-se, usar e não devolver as marcas do passado, fotos, documentos de determinadas comunidades é um crime, é ser leviano. O informante, nesse caso, não pode ser ignorado ou pressionado. Deve haver um interesse mútuo no processo de construção da experiência do passado.

A relação e o entrosamento com a Universidade facilita o registro e a divulgação da memória dos entrevistados. Quanto mais tempo estiverem umbilicalmente ligados ao tema da pesquisa, mais SERÃO NECESSÁRIAS auto-disciplina e responsabilidade no momento da interpretação do texto. Os pesquisadores da metodologia da História Oral não seriam capazes de construir esse trabalho árduo, sem a necessária dedicação, empenho e investindo mesmo no tema do projeto.

Entenda-se, com clareza, que a realidade não é sem conflitos e desencontros e que, debaixo da aparente harmonia, existem as competições e contradições postas pela realidade viva. Dar conta de explicar essa realidade, de forma mais integrada e coerente possível, é um enorme desafio para todos os que estão envolvidos de maneira comprometida com a transformação social.

Viabilizar a construção de conhecimentos, de forma consciente, que tenham importância para a trajetória acadêmica de pesquisadores e pesquisados, é um outro desafio. Para isso, é necessário juntar, unir os talentos, construir narrativas para sujeitos que saibam interpretar e utilizar com competência o depoimento do entrevistado, senão não se constrói ciência válida, caindo no equívoco da superficialidade dos relatos.

Nesse momento de considerações finais, é importante estar atentos e tomar alguns cuidados, no sentido de que é melhor entrevistar um número restrito de sujeitos, que realmente participaram dos fenômenos a serem estudados e fazer uma transcrição responsável de todas as entrevistas, do que entrevistar muitos depoentes e não conseguir dar

conta de todas as transcrições, ou seja, registro grande em extensão e trabalho pobre, porque pouco profundo. Selecionar com mais critérios os informantes é uma alternativa, não registrando uma quantidade enorme de informações, sem o tempo adequado de transcrição e análise das mesmas.

Enfim, reafirmando uma das discussões centrais neste texto, é fundamental ter a consciência da necessidade de se valorizar e respeitar o depoente, entendendo o universo cultural do pesquisado, oferecendo-lhe segurança e acolhimento, além da importância de retornar os resultados da pesquisa para o pesquisado em sua própria linguagem, no sentido de que ele possa utilizar esses resultados para o avanço político da realidade em que se encontra e na qual atua.

Este texto termina com as palavras de Portelli:

*compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos; compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber "como as coisas realmente são", equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de como as coisas podem ser (PORTELLI, Abr./97, p.15).*

## BIBLIOGRAFIA

BOSSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Quatroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*. PUC-SP, nº 17, nov./98.

KENSKI, Vani Moreira. *Memória e Prática Docente*. Seminários.

LE VEN, Michel Marie. História oral de vida: o instante da entrevista. *Revista Varia História*. Belo Horizonte, nº 16, set./96.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*. PUC - São Paulo, N° 15, abril/97.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*. PUC - São Paulo, N° 14, fev./97.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*. PUC - São Paulo, N° 14, fev./97.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*. PUC - São Paulo, N° 15, abril/97.

VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. *Ciências Sociais Hoje*, 1989, Vértice/ANPOCS.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Folguedo carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural. *Resgate n° 3 - CMU / PAPIRUS*.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes & GIGLIO, Zula Garcia. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. São Paulo: Editora Papiрус.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: O Exemplo do Centro de Memória da Unicamp. In: *Arquivos, fontes e novas tecnologias*.